

FBA

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A seleção dos alunos Carolina Lino e Luca Zangrandi como representantes do trabalho realizado na Faculdade de Belas-Artes deveu-se ao facto dos seus trabalhos corporizarem distintos campos de experimentação do meio fotográfico os quais, de algum modo, resultam de diferentes percursos dentro da Faculdade. Carolina Lino frequentou a Pós-Graduação em *Discursos da Fotografia Contemporânea* após concluir a licenciatura em Pintura também na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2018. Luca Zangrandi frequenta a licenciatura em Arte Multimédia. A amplitude de hipóteses convergentes na experimentação fotográfica resultante das diferentes formações artísticas atribui à variedade de resultados uma interessante heterogeneidade que se pretende demonstrar com a seleção destes estudantes. O traço de união dos dois trabalhos converge apenas na exploração dos processos fotoquímicos da sua produção.

U V T

O trabalho apresentado por Carolina Lino funda-se na “escrita” como forma nascente de construção e significação do olhar fotográfico. A ritmanálise¹ de desenhos despoletados por processos metamórficos naturais, constitui o cerne do trabalho intitulado *A escrita que nasce*. Na sinopse deste trabalho a Carolina escreve:

“A fotografia acontece, de cada vez, como um risco (arriscado) que surge sobre o branco imaculado — um sinal que macula o intocável que é o papel virgem, nunca antes exposto, mas sempre à espera desse momento: de um raio de luz que beije.

A escrita que nasce revela um desenho que surge pelo meio da floresta, composto por linhas que o nosso olhar percorre — linhas que saem da terra e da neve hirtas e viçosas ou entram nelas caídas, encurvadas e formam desenhos que a atenção do olhar fixa, que o movimento da mão que escreve prolonga. São desenhos físicos e envolventes, desenhos que estimulam o pensamento e que se formam, também, através daquilo que do pensamento transborda.

Com as imagens escrevo, com as palavras imagino: crio imagens. A que escreve é, portanto, aquela que observa — a que observa é aquela que escreve: ambas a mesma, atravessadas pela *poesia*, que guia, que desenha, que apresenta o gesto, repetidamente, sem fim.”

A escrita de Carolina Lino parece evocar esse conceito estimulante, mas pouco aprofundado que é o “inconsciente ótico” de Benjamin², ao usar a fotografia como meio revelador de uma escrita invisível ou ilegível — uma escrita vegetal. Um revelador poético que apenas lê o que a “luz beija”. Estas são “imagens operativas” poéticas, imagens que perscrutam o lugar da própria percepção através daquilo que Bolla refere como o “impensado conhecido”³ ou, como Carolina Lino escreve, aquilo “que do pensamento transborda”.

Luca Zangrandi criou uma série de quimigramas que exploram o lugar de semelhança entre a natureza metamórfica do ser e dos processos fotoquímicos.

Nesta série a alternância programática e aleatória da utilização de revelador, banho de paragem e fixador cria condições para a mutação contínua da cor e tom destas imagens, realizadas no contexto da disciplina *Fotografia Experimental* lecionada por José Luís Neto. *Remains of a Portrait* procura, através da agência fotoquímica, uma analogia da corporificação do devir. Processos vitais e produção fotográfica argêntea resultam de processos lumínicos e reações químicas que determinam a permanência ou impermanência das matérias. Fascinado por esse lugar das mutações que é o corpo e pela semelhança encontrada nos processos químicos da fotografia, Luca Zangrandi desenvolveu uma série focada na possibilidade do retrato sem referencial. Uma imagem fotográfica sempre em mutação que evoca a cada momento, através de manchas químicas, retratos em diferentes estados de decomposição.

O trabalho do Luca é exemplar no sentido do entusiasmo da descoberta de um meio de experimentação que existe longe da certeza e da velocidade quadrada dos pixéis.

Ambas as abordagens são contaminadas por um sentido plástico que advém do próprio espaço em que a fotografia se insere na Faculdade de Belas-Artes. Esta existe num lugar intersticial entre outras abordagens visuais organizadas em programas conferentes de grau. Esse espaço complementar de relativa liberdade tem-se tentado assumir como um laboratório de experimentação, um território especulativo expandido pela própria natureza do lugar em que se desenvolve, dos meios aí existentes e dos diferentes saberes convocados pelos sete departamentos que aí funcionam.

1 Lefebvre, H. and Elden, S. (eds) (2004) *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*, London: Continuum.

2 Benjamin, Walter (2006) A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica, e Pequena História da Fotografia in *A Modernidade*, Lisboa: Assírio & Alvim (pp.207-241 e pp.243-261).

3 Bolla, Christopher (1987) *The Shadow of the Object: Psychoanalysis and the Unthought Known*, New York: Columbia.

Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon.

The selection of students Carolina Lino and Luca Zangrandi as representatives of the work produced at the Faculty of Fine Arts stems from the fact that their projects embody distinct fields of experimentation within the photographic medium, which, in some way, reflect different paths taken within the Faculty. Carolina Lino completed a Postgraduate Diploma in *Contemporary Photography Discourses* after finishing her undergraduate degree in Painting at the Faculty of Fine Arts, University of Lisbon, in 2018. Luca Zangrandi is currently pursuing a degree in Multimedia Art. The wide range of possibilities for photographic experimentation, shaped by these different artistic backgrounds, has led to a fascinating heterogeneity of outcomes, which is what we aim to showcase through the selection of these students. The unifying thread between their works lies solely in the exploration of photo-chemical processes within their production.

EN

Carolina Lino's project is rooted in "writing" as a nascent form of constructing and signifying the photographic gaze. The rhythmanalysis¹ of drawings triggered by natural metamorphic processes forms the core of her work, titled *A escrita que nasce*. In the synopsis of this project, Carolina writes:

"Photography happens, each time, as a risk (a risky mark) that emerges on the immaculate white — a sign that stains the untouchable, which is the virgin paper, never before exposed but always waiting for that moment: for a ray of light to kiss it.

A escrita que nasce reveals a drawing that emerges from the forest, composed of lines that our gaze follows — lines that rise from the earth and the snow, stiff and lush, or fall into them, bent and twisted, forming drawings that the attentive eye fixes upon, which the hand's movement, as it writes, prolongs. These are physical, immersive drawings that stimulate thought and are formed through what overflows from the mind.

With images, I write; with words, I imagine: I create images. The one who writes is, therefore, the one who observes — the observer is the one who writes: both are the same, crossed by *poetry*, which guides, draws, and presents the gesture, repeatedly, without end."

Carolina Lino's writing seems to evoke that stimulating but underexplored concept of the "optical unconscious" coined by Walter Benjamin², using photography as a medium to reveal an invisible or illegible form of writing — a vegetal script. This poetic revelation reads only what the "light kisses." These are poetic "operative images," images that probe the very nature of perception through what Christopher Bollas refers to as the "unthought known,"³ or, as Carolina Lino puts it, what "overflows from the mind."

Luca Zangrandi has created a series of chemigrams that explore the analogy between the metamorphic nature of being and photo-chemical processes. In this series, the programmed and random alternation

of developer, stop bath, and fixer creates conditions for the continuous mutation of colour and tone in the images, which were produced as part of the *Experimental Photography* course taught by José Luís Neto. Through photo-chemical agency, *Remains of a Portrait* seeks to draw an analogy to the embodiment of becoming. Vital processes and silver-based photographic production result from light interactions and chemical reactions that determine the permanence or impermanence of materials. Fascinated by the site of bodily mutations and the parallel he found in the chemical processes of photography, Luca Zangrandi developed a series focused on the possibility of portraiture without reference. A constantly mutating photographic image that, through chemical stains, evokes portraits in various stages of decomposition.

Luca's work exemplifies the excitement of discovering a medium of experimentation far from pixels' certainty and rigid speed.

Both approaches are infused with a plasticity that arises from the unique space photography occupies within the Faculty of Fine Arts. It exists in an interstitial space between other visual approaches, structured within degree-awarding programmes. This complementary space of relative freedom has striven to establish itself as a laboratory of experimentation: a speculative territory expanded by the nature of the environment in which it develops, the resources available, and the diverse knowledge drawn from the several departments housed there.

1 Lefebvre, H. and Elden, S. (eds) (2004) *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life* London: Continuum.

2 Benjamin, Walter (2006) A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica, e *Pequena História da Fotografia in A Modernidade*, Lisboa: Assírio & Alvim (pp.207-241 e pp.243-261).

3 Bollas, Christopher (1987) *The Shadow of the Object: Psychoanalysis and the Unthought Known*, New York: Columbia.